



BIBLIOTECA MÁRIO DE ANDRADE

PROJETO MEMÓRIA ORAL

SÔNIA AZAMBUJA

Hoje, 16 de Abril de 2008, a Biblioteca Mário de Andrade registra o depoimento da psicanalista Sônia Azambuja para o Projeto Memória Oral da instituição, iniciativa esta que vem sendo desenvolvida com o objetivo de resgatar a história da Mário de Andrade de uma forma matizada, através de narrativas orais dos seus mais diferentes protagonistas: antigos funcionários, diretores, colaboradores, pesquisadores, artistas e intelectuais. Na direção de captação audiovisual deste registro, Sérgio Teichner e na condução do depoimento, Daisy Perelmutter.

Daisy Perelmutter: Bom, Sônia, nós gostaríamos de dar início ao depoimento, pedindo para que você faça um panorama, um resgate de um pouco da sua trajetória familiar, origem, *background*...

Sônia Azambuja: Eu cheguei em São Paulo em 1942. Eu me mudei com minha família para cá. Quando cheguei em São Paulo, eu fui tomada, assim, de uma emoção, acho, muito grande. Eu era muito pequena, tinha seis anos, e nós chegamos na Estação da Luz. Hoje a gente vê como é a Estação da Luz, o centro. Na época a ideia que eu tive foi de uma cidade linda, tinha o Parque da Luz. Eu acho que estava numa tarde de fevereiro, devia estar se preparando para uma chuva, então as folhas estavam voando. Era uma visão que eu tive muito linda da cidade. Era um bairro muito bonito: a Luz, os Campos Elíseos, era onde moravam realmente as famílias, inclusive, poderosas de São Paulo, do ciclo do café. E São Paulo era muito cuidada, muito bonita. Então essa é a primeira impressão que eu tive, quando eu estava no táxi com meu pai e minha mãe. Daí nós fomos para a casa da minha avó, que morava aqui, Catarina Pompeu, e ela morava aqui na

General Jardim, onde hoje em dia eu estou também. Então, a minha ideia da cidade foi essa: de uma cidade muito linda. Eu acho que eu só tive esse impacto assim quando eu cheguei em Paris, depois de muitos anos, também, de ser uma cidade, assim, arquitetonicamente linda. São Paulo era muito linda, mesmo aos meus olhos de criança.

Daí nós ficamos morando alguns meses na casa da minha avó, na General Jardim, onde ela me ensinava a atravessar a rua. Atravessar a rua em São Paulo naquele tempo, quase não tinha carro em São Paulo, mas assim mesmo ela dizia como eu tinha que atravessar, que eu tinha que olhar de um lado e do outro. Então, ela já dava os sinais da cidade para mim. Isso eu acho uma coisa muito interessante porque uma cidade onde a gente vive, ela pode ter este sentido mesmo de morada, onde você vai morar e vai se transfigurar, que vai haver mudanças, porque, no meu entendimento, é só no coletivo mesmo que nós nos desenvolvemos.

E eu acho que muito cedo começou essa minha ligação afetiva com a cidade. O Gore Vidal tem um trabalho muito bonito num livro dele, *A Criação*, em que ele diz que a cultura se faz pelas tribos que migram de um lugar para outro no planeta e param, às vezes, em alguns lugares, privilegiam algumas regiões, e eu acho que São Paulo é uma cidade, nesse sentido, muito própria. Da América Latina, eu acho que é a cidade que mais tem essa possibilidade afetiva, de acolher e ter lugares para o desenvolvimento das pessoas. E, para São Paulo, vinham tanto pessoas que vinham de fora – os italianos, os espanhóis, os judeus que, inclusive, depois da Guerra vinham mesmo e alguns estavam fugindo da Guerra - como vinham de outros estados brasileiros, porque aqui tinha trabalho, aqui tinha a possibilidade de estudar, a possibilidade de se desenvolver; São Paulo já teve essa função. Eu tinha muito essa ideia de ter essa função São Paulo, para mim.

Com o correr dos anos, mais tarde, agora eu vejo, 1942, e uma década depois, já estava outra, tão diferente! Alguns anos depois, eu particularmente estava tão diferente, porque alguns anos depois eu estava já no curso colegial, no clássico, que se chamava, para quem ia para as humanas. Então eu estudava o clássico e eu tinha uma necessidade muito grande de ler, de leitura. Mais do que as matérias mesmo da escola, eu precisava muito ler, lia poesia, eu lia literatura desde muito pequena. Eu me lembro que meu pai trouxe *O Tesouro da Juventude*. Eu adorava ler



o *Tesouro da Juventude*, livros dos contos, dos porquês, livros de história. O Monteiro Lobato era uma coisa tão importante na minha vida, quase que eu vivia no “Sítio do Pica-pau Amarelo”; era uma coisa, para a minha geração, muito importante, o Monteiro Lobato. Agora, no curso colegial, eu ficava lendo muito: *O Lobo da Estepe*, vários livros que tinham assim uma importância enorme para mim. Eu fazia o clássico no Roosevelt, uma escola estadual e que era uma das melhores escolas. Então eu tive professores muito interessantes, como Décio de Almeida Prado, que era professor de filosofia. Eu adorava as aulas de filosofia. Tinha a Gilda Reale, irmã do Reale, que dava grego e dava português também. Eram professores em geral concursados, que já davam aulas na USP¹ e davam aula no curso colegial, e davam aula nas escolas do Estado. Então, as escolas do Estado eram muito boas, eram de primeira linha. Isso acabou no golpe de Estado de 1964, quando todas as escolas públicas passaram a ter um nível muito ruim de ensino, mas não era isso no tempo em que eu estava fazendo o colegial, era muito bom.

Eu gostava mais de ler do que tudo na escola. Eu lia muito, lia o tempo todo. Aí eu descobri a Biblioteca Municipal. Foi nessa época, em 1953, por aí, que eu passei a frequentar a Biblioteca, que para mim foi uma revelação. A Biblioteca Municipal foi uma coisa muito importante, porque havia ali uma espécie de Paideia mesmo, uma coisa de formação educacional maravilhosa, no sentido em que eu entendo a Paideia, que é exatamente um lugar público que você estuda, mas que você se diverte também. Eu estudava muito, lia muito, mas ali, no *lobby*, as pessoas se encontravam, era um ponto de encontro também de amigos. Eu conheci ali pessoas incríveis, notáveis, personagens meio lendários, como o Maurício Tragtenberg, que era um homem maravilhoso, um rapaz na época, que me iniciou no socialismo, nos autores socialistas. Mas, além disso, ele fazia uma tese sobre Kafka, na época, porque ele era autodidata, ele não tinha podido estudar, então, ele estudava por conta dele. E ele fez uma tese do Kafka e, com essa tese, ele teve direito de fazer o vestibular da USP, para a Filosofia, e ele entrou no curso de História. Ele era um rato de biblioteca, como se chama. Então ele me levava para as leituras. Por exemplo, eu estava estudando muito filosofia e ele me falou: “Você

¹ Universidade de São Paulo



precisa ler o Gilson, que é o grande, realmente, pesquisador da Idade Média”. Então ele era múltiplo, uma pessoa enciclopédica mesmo.

Então, eu tive esse contato com pessoas notáveis. Frequentava também a Biblioteca o Armando Ferrari, que depois se tornou um grande analista da Sociedade, e ele também fazia uma tese. Ele fazia sobre os anarquistas em São Paulo, que eram os italianos anarquistas. E com essa tese é que ele também teve direito de fazer o vestibular para a USP, porque ele estava na guerra. Estava lá no tempo da guerra na Europa e não teve nem condições para estudar. Ele chegou em São Paulo, foi estudar, mas ele não tinha cabeça para ficar lá frequentando o curso colegial. Então ele fez essa tese, até aconselhado pelos intelectuais com que ele vivia, andava e acabou entrando na USP e se tornou professor de Antropologia na USP. Ele fez trabalhos importantes junto aos índios no Brasil central.

Então eram personagens muito interessantes que frequentavam. Eu conheci o Bento Prado – que depois se tornou um grande filósofo – com quem eu estudei filosofia muitas vezes. Conheci o Roberto Schwarz que depois ficou um grande teórico da literatura, ligado ao Machado de Assis. Ele era uma pessoa maravilhosa, que vivia lendo, vivia estudando. Mas, além disso, as conversas eram intermináveis no *lobby*. A gente discutia tudo, política, ideias, filosofia, era realmente uma *Ágora*, uma praça, onde a gente ia e encontrava os amigos.

E daí a gente ia também para a Cinemateca, ali na Sete de Abril, onde ficavam os Diários Associados, e a gente ia ver os filmes de vanguarda. Tinha o Paulo Emílio, que dava aulas sobre cinema, e a gente assistia e tinha grandes discussões sobre os filmes, debates. Nessa época, quem frequentava também a Cinemateca, era o Eduardo Coutinho, que era um menino naquela época, era um rapaz da minha idade. Assim, éramos uma criançada. E o Eduardo frequentava também a Cinemateca e ele era repórter da *Visão*, se não me engano, uma revista. Eu acho, aliás, que todo esse *approach*, que eu acho que o Eduardo Coutinho tem nos filmes documentários dele, sempre muito intimista, que ele entrevista as pessoas de uma forma maravilhosa, eu acho que vem dessa época de ser um repórter interpretativo mesmo. Depois ele foi para a França e fez o curso de cinema lá, e voltou, e se tornou um grande cineasta.



Então você via muitas pessoas ali. Eu conheci a Ruth Escobar. Eu ficava meio amedrontada. Eu nunca cheguei a estar muito íntima, porque ela era bem mais madura que eu, eu acho, bem mais colocada. Eu era uma tímida total. Eu gostava de ler e gostava de gente com quem eu tinha facilidade para falar, por timidez. Mas ela era uma pessoa que ia também à Biblioteca, que eu me lembro. Tinha o Manuel Carlos, ele já estava começando a fazer televisão e depois ele se tornou um grande novelista de televisão. E o que era muito interessante na Biblioteca é que tinha muita gente que ia lá ler e que eram pessoas muito pobres mesmo e, então, a gente pagava sanduíche, às vezes iam almoçar na minha casa. São Paulo era muito interessante, mesmo porque a gente andava da Biblioteca até a Cinemateca, na Sete de Abril, e depois ia, às vezes, ao Clube dos Arquitetos, na General Jardim. Então as conversas eram realmente intermináveis, eram muitos debates e eu achava essa vida muito boa. Hoje em dia, às vezes converso com a minha neta que tem 11 anos, e eu falo para ela como era a Biblioteca, como nós tínhamos amigos e como nós líamos e ela fala: “Como eu queria ter um lugar assim”. Porque ela gosta muito de ler e hoje ela vai às livrarias – na Livraria da Vila, na Livraria Cultura, com o pai dela, e compra os livros e tudo, mas não tem um ponto de encontro como havia naquele tempo.

Eu acho, inclusive, que essa coisa da revitalização do centro de São Paulo, eu acho assim uma coisa muito interessante. Eu não sei muito até que ponto isso pode dar frutos, como é que se faz esse tipo de coisa, porque não é só prédio, são pessoas, é uma população, é uma necessidade, é uma demanda que a cidade tem que ter para ir aos lugares. Eu particularmente adoro a Pinacoteca, gosto de ir às exposições da Pinacoteca e, aos sábados, eu e meu marido vamos à Sala São Paulo, a gente frequenta os concertos da Sala São Paulo. Eu realmente acho muito interessante essa vida do coletivo, porque as pessoas só se desenvolvem no coletivo, no espaço público. Há muita necessidade de sair das casas e ir para o coletivo, para um desenvolvimento da praça mesmo, da Ágora, tem esse sentido de fecundar as pessoas, de troca. Sozinho na sua casa você não se desenvolve, você lê algumas coisas e tudo, mas esse desenvolvimento, essa situação de transfiguração é só mesmo no espaço público que é possível.



Eu tenho muita fé que esse empreendimento que vocês estão fazendo para revitalizar a Biblioteca e voltar, eu fiquei muito entusiasmada com isso. Além do que... Eu fiz depois a Maria Antônia, a USP era na Maria Antônia, onde a gente andava, estudava, ia à Biblioteca; então a gente andava pela cidade e era livre, não havia perigo, ninguém tinha carro, a gente andava de lotação, de bonde, de ônibus, andava pela cidade, muita conversa... Na época, a Sociedade de Psicanálise, onde eu fui estudar depois que terminei a Filosofia na USP, na época, ela era ali na Rua Araujo e os analistas, os fundadores da Sociedade, eles ficavam ali. A minha primeira análise foi na Rua Barão de Itapetininga, com a Lúgia Amaral. A gente ia para a Barão de Itapetininga, onde tinha a vida da cidade, estava ali, e depois esse pessoal da Sociedade de Psicanálise, esses fundadores, principalmente o Durval Marcondes, eles eram da Semana de 22, do Mário de Andrade. Então eu acho muito interessante como as coisas se ligam culturalmente, historicamente e como que a própria cidade tem alguma coisa capilarizada, uma coisa capilar da cidade, uma coisa está ligada à outra. Então o Mário de Andrade era amigo do Durval Marcondes que fazia parte... E agora a Biblioteca *Mário de Andrade*... A minha grande professora de Estética na Filosofia era a Gilda de Mello, que era prima do Mário de Andrade, então, havia alguma coisa em São Paulo muito familiar, você podia dizer: é uma grande cidade, mas é uma aldeia porque as pessoas todas, de alguma maneira, circulavam nos mesmos lugares. Por exemplo, eu me lembro tanto do Cinema Belas Artes, que é ali na Consolação, que também era um ponto de encontro, a gente ia ao cinema lá. Eu me lembro de ver lá o Wladimir Herzog, que era meu colega na Filosofia, fez algumas matérias comigo na Filosofia, e ele frequentava também o Belas Artes, que eu acho que é o antigo Ritz, se não me engano. E tinha aquele bar na frente do Belas Artes também. Então, eu não sei, em São Paulo as pessoas se movimentavam pelo centro.

Então quando se fala em revitalizar a Mário de Andrade, eu acho maravilhoso, mas fico pensando se não houve uma situação em São Paulo que as coisas se fragmentaram e se as bibliotecas não tem também que ir para os bairros, não é? Onde as pessoas possam ir também, porque, antigamente, a gente ia à Biblioteca ler e, às vezes, ia à Circulante pegar livro para levar para casa. Então eu fico pensando como que na prática isso vai ser operado, como se torna operativo uma situação



como essa. De qualquer maneira, do meu ponto de vista, da minha afetividade, do meu afeto pela Biblioteca, que representou tanto para mim, eu achei uma iniciativa muito incrível de vocês tentarem revigorar, revitalizar a Biblioteca. Eu não sei muito como isso pode voltar a ser um ponto de encontro. Porque era isso o que ela era, um ponto de encontro, um lugar onde as pessoas se encontravam, estudavam, conversavam, depois a gente ia até o *Cremerie*, que era junto à Galeria Metr pole, tomar café, havia muita discussão: “Você leu o Rodolfo Mondolfo?” – que era um livro importante sobre os pr -socráticos. “Não”. “Mas você leu Braie, que fez isso?”.

Era aquela coisa de conversa de adolescente, de leitura e de muita disputa às vezes. Os meninos, principalmente – os meninos que eu chamo hoje – eles eram todos rapazes, eles eram bem f licos, eles disputavam muito, porque era muito importante que um lesse mais que o outro, que citasse os livros e tudo, mas tudo aquilo era uma coisa que fazia parte da nossa vida, da nossa juventude. E   um pouco triste ver agora que hoje as pessoas vão para os *shoppings*, que as crianças não têm muito para onde ir, não  ? Não têm muito lugar para estar. Mas ao mesmo tempo eu não gosto de uma ideia assim que a gente só possa ser como era antes. Eu acho que não é legal, não é uma boa isso. Eu acho que o ser humano tem uma necessidade muito grande de renovar, de fazer novas perguntas, de prosseguir, então, a ideia que eu tenho, apesar de ser meio “Walter Benjamin” nesse sentido, meio romântica – eu sou de uma gera o romântica, que logo após a Guerra, tinha morrido muita gente e as pessoas estavam muito em luto e ao mesmo tempo querendo recomeçar alguma coisa boa, e tudo era possível. Então, eu acho que   sempre tudo possível, não é? Que haja a possibilidade de renovar, não sei se nos moldes do que era, mas pode ser em outros. Há pouco tempo eu estava conversando sobre essa coisa, se as pessoas ainda v o ler e vão disputar os livros. As pessoas estavam falando mais da Internet, que as pessoas estão mais ligadas na Internet, que vão, às vezes, a lugares que têm Internet. Eu não sei se isso é assim, ou se há uma outra possibilidade realmente.

Uma coisa que eu achava muito boa era a possibilidade de você andar pela cidade. Você tinha a Biblioteca, tinha a Cinemateca, tinha a USP ali na Maria Ant nia, então a cidade era nossa. O jovem estava na cidade e andava pela cidade, e hoje eu acho que o jovem está recuado, está dentro de casa, tem carro logo e



quando sai é de carro e já vai para um endereço e você não se apropria mais da cidade onde você vive, porque talvez ela não esteja tão acolhedora como estava antes. Então esse é o depoimento que eu posso dar sobre as minhas lembranças dessa época.

DP: E quando você acha que há a ruptura nessa relação de apropriação que os jovens tinham com a cidade? Quando você identifica que há uma mudança?

SA: Olha, agora é meu coração que vai falar. Eu vivi muito na Maria Antonia, na USP e uma coisa que me causou um sofrimento muito grande foi quando a Maria Antonia foi incendiada, quando ela foi atacada pelos alunos do Mackenzie e houve aquele incêndio e gente morreu. Eu não era mais aluna, já havia terminado a faculdade, já dava aulas na USP, já trabalhava, já era uma profissional nessa época, foi em 1968. Eu morava aqui na Sabará, em outro prédio, e eu fui até lá e vi aquilo e me causou um sofrimento imenso. Então alguma coisa ali estava morrendo, alguma coisa estava muito feia. Nós estávamos em um regime militar, mas havia estudantes de direita, o CCC², que estavam de alguma maneira invadindo, era uma coisa de barbárie. Ali eu acho que começou uma coisa de ruptura, no meu entendimento, muito grande.

Mas a própria mudança da Filosofia para a Cidade Universitária... Quando eu dei aula, eu dei lá na Cidade Universitária e eu já achei que a gente ficava muito isolado lá na Cidade Universitária, já não estava em contato com a cidade, porque qualquer coisa que acontecia, os estudantes estavam na rua, a moçada estava na rua e, de alguma maneira, lá já estavam apartados, isolados, ali na Cidade Universitária, quer dizer, algo já não era como antes. Nós já estávamos isolados. É claro, eu não sei se essas coisas são feitas de caso pensado. Mas às vezes eu fico pensando que mesmo Brasília, que é uma cidade contemporânea, feita por arquitetos, tantos amigos meus dos anos 1960 adoraram quando fizeram Brasília, mas, se você pensar bem, tem alguma coisa nesse tipo de coisa feita que tem a ver com o racionalismo, tem a ver com a filosofia racionalista, que a razão vai ser capaz de controlar a cidade. Então nós planejamos a cidade, a razão controla tudo. Eu sou

² Comando de Caça aos Comunistas



mais da ideia de que, na verdade, a cidade nasce da demanda das pessoas, da necessidade das pessoas. Inclusive, a gente sabe que na fundação das cidades uma das coisas que funda uma cidade é o cemitério, é onde vivem os mortos, onde são enterrados os nossos mortos. Uma das coisas que eu adorava quando eu era criança – depois que nós moramos na General Jardim na casa da minha avó, daí nós mudamos, fomos para a Rua Augusta, na esquina da Antonio Carlos com a Augusta, e depois nós mudamos para a Consolação, onde meu pai tinha o consultório dele de dentista e a gente morava ali na Consolação – e uma coisa que eu gostava muito de fazer quando eu era criança era quando eu via enterro passando na Consolação. A Consolação não era essa avenida enorme, era um rua arborizada, estreita, então, eu via o carro passando e geralmente, quando eu podia, eu ia com a empregada, ou uma tia minha, a gente ia até o cemitério e eu via as pessoas lá com o defunto e aquilo para mim era um aprendizado. Eu já estava pensando, conjecturando sobre a vida, a morte, a nossa finitude, eu já estava pensando nisso tudo. Então, de alguma maneira, aquele cemitério da Consolação para mim era uma coisa boa, era uma coisa de curiosidade, era uma coisa alegre, eu até diria; porque era um lugar arborizado, bonito, tinha aqueles túmulos todos decorados das famílias poderosas, aqueles túmulos enormes. Então aquilo para mim era a cidade de São Paulo.

Eu acho que a cidade é misteriosa. Como que uma cidade é fundada? Ela é fundada, às vezes, pelas esquinas, pelas praças, por onde as pessoas vão se reunir, conversar, falar das suas coisas. Eu me lembro muito da época que eu ia muito ao Bom Retiro, que era um lugar que a gente ia, como ia ao Brás. E o Bom Retiro era o lugar dos judeus, os judeus moravam no Bom Retiro, então você via os judeus nos sábados conversando nas calçadas, então era uma coisa mítica, uma coisa linda, porque eles saiam para trocar situações familiares, de comércio, de vida, do que eles estavam fazendo. Era um bairro muito lindo e muito importante em São Paulo. Você ia ao Brás e tinha os italianos que eram muito humanos. São Paulo era quase uma cidade italiana, então tinha muitos italianos morando no Brás e eles ficavam nas calçadas, sentados, conversando, traziam cadeiras. Então, isso era São Paulo. Daí tinha a Vila Mariana, por exemplo, onde eu morei uma época. Eu acho que na época em que eu frequentava a Mário de Andrade eu já estava morando na Vila Mariana,



eu vinha de bonde ou de lotação aqui para a Biblioteca. Então ali, na Vila Mariana, era um lugar mais de classe média e eu passei a ter muitos amigos ali. A gente fundou uma espécie de clube de teatro e de leitura. E tinha o José Carlos Martins, que depois se tornou um concertista, e ele era menino também, que estudava o tempo todo piano. Então a gente fez um clube e estudava teatro, Shakespeare, representava, então, tinha alguma coisa de cada bairro, mas tinha vida em cada bairro.

Hoje eu sinto São Paulo, às vezes... Daí eu volto ao perigo da melancolia, mas, às vezes, eu vejo São Paulo tipo meio como um acampamento em que as pessoas ficam isoladas, acampam, mas ficam isoladas umas das outras e não há uma vida nos bairros como havia antigamente, crianças não vão mais para as calçadas brincar, não tem mais roda, não tem mais essa possibilidade porque as crianças correm perigo, então as mães têm mesmo que deixar seus filhos, os pais têm que deixar seus filhos em casa e depois saem de carro ou de perua, vão para escola e voltam. Eu acho assim uma perda muito grande no aprendizado que as crianças possam ter, que é a rua, que é o aprendizado da rua e da convivência entre os homens – isso que eu acho fundamental.

Eu suponho, apesar disso tudo, que São Paulo tem uma vocação cultural, é uma cidade que tem uma vocação nesse sentido. Ela clama alguma coisa que é de ordem cultural. Então, nesse sentido, é possível que as coisas se passem diferentes do que se passavam, mais pulverizadas, mais fragmentadas, mas continua havendo o desenvolvimento cultural, através de outras maneiras.

Eu vejo muito, por exemplo, as crianças hoje têm os colegas da escola e vão cada hora à casa de um. Então, no fim de semana, às vezes, vai à casa de um, passa o fim de semana, vai ao cinema, vai aqui, vai ali. O Ibirapuera, por exemplo, quando ele foi criado em 1954, no ano do centenário, foi uma coisa linda. Eu me lembro assim que era um lugar lindo e a gente passava de táxi, de carro por lá e para mim era um sonho o Ibirapuera, eu achava lindo. Então é uma cidade que é móvel também, a cada hora as esquinas mudam e eu acho que isso é misterioso, é diferente de uma cidade previamente planejada como é, por exemplo, Brasília. Mas será que Brasília tem suas esquinas? Não sei, eu nunca vivi lá. Às vezes que eu fui para Brasília foi para dar aulas, assim, negócio de psicanálise. A Sociedade tinha um



núcleo importante em Brasília que se tornou depois autônomo e eu ia às vezes dar aulas lá. Então eu conheci Brasília, mas talvez muito superficialmente para me dar uma ideia tão profunda da cidade.

DP: Sônia, eu ia pedir para você voltar um pouquinho. Você fala que veio para São Paulo, mas você não disse de onde você veio. E também um pouco do *background* dos seus pais, essa sua relação com a leitura já vem como uma herança familiar? Você já tem esse germe na sua família e você desenvolve na Biblioteca com esses pares ou não?

SA: Eu acho o seguinte: a coisa da leitura tem alguma coisa que inconscientemente passa pelos meus pais. Não que eles fossem grandes leitores, que eles não eram. Nós morávamos no Mato Grosso, num lugar muito pequenininho, que chama Maracaju, perto de Campo Grande, uma cidade que era fundamentalmente uma cidade de fazendeiros. Era uma vila, ainda é, uma cidade pequena de fazendeiros que tinham fazendas nessa região do sul. Meu pai era descendente desses fazendeiros, meu avô era fazendeiro e a minha mãe veio de Cuiabá. Depois a família dela veio para São Paulo, tanto é que eu venho encontrar minha avó aqui na General Jardim. Mas minha mãe fica lá no Mato Grosso, porque ela casa com o meu pai. Ela veio de Cuiabá e ela era normalista, ela era professora e tocava piano no cinema, era cinema mudo. Ela tocava piano vendo os filmes, ela podia ver os filmes e tocar piano, ela adorava tocar piano, tinha um ouvido musical muito grande, gostava muito de música. E era normalista e dava aula para criança. Ela conheceu meu pai que estava fazendo colegial, ginásio, não sei, e ele queria sair dessa vida de fazenda, ele não queria ser fazendeiro. E, segundo contam as lendas familiares, quando ele nasceu minha avó Zulmira falou assim: “Esse meu filho vai estudar, ele vai sair daqui”. E, efetivamente, os irmãos dele brincavam muito com ele que ele não dava mesmo para a vida da fazenda, porque ele caía do cavalo, ele não tinha vontade, não tinha físico, não queria. Então ele vai ser dentista, mas dentista prático, ele não era um dentista de faculdade, que tinha feito uma faculdade. Então, quando ele vem para São Paulo, que era o tempo do Getúlio, ele vem querendo estudar e querendo que os filhos estudem, querendo ter uma outra vida que não fosse aquela.



E daí eu chego na Estação da Luz, tudo que eu estava dizendo para você. Ele trabalhava com um dentista que era formado. É muito interessante porque ele trabalhava, mas o testa de ferro era o dentista formado. Ele tinha que ter alguém que tinha o diploma porque ele não tinha. Daí ele passa a fazer os estudos para ser dentista no Rio de Janeiro, na Praia Vermelha. E é muito interessante essa história do meu pai, minha com o meu pai, porque nessa época, ainda estava lá no Mato Grosso, eu me lembro muito dele chegando em casa com *O Tesouro da Juventude* e dizendo que era para a gente ler. Eu nem sabia ler ainda, eu tinha quatro anos, era muito pequeninha e não sabia ler, mas a minha mãe, as pessoas liam para mim *O Tesouro da Juventude*. Eu comecei a me apegar à leitura já nessa época. Mas quem trouxe os livros foi meu pai. Então, de alguma maneira, ele valorizava a leitura, ele gostava e minha mãe também gostava. Não eram leitores, mas eles gostavam de ler, gostavam de quem lesse, gostavam de quem estudasse. Era um valor na minha casa. E, então, quando a gente veio para cá, ele trabalhava desse jeito e ele ia para a Praia Vermelha, depois ele se formou dentista e legalizou a situação dele como dentista.

Muitos anos depois, quando eu já era frequentadora da Biblioteca – eu adorava os poetas, todos os poetas, eu adorava o Drummond, o Carlos Drummond de Andrade – e uma vez eu estava falando do Drummond, porque o Drummond é maravilhoso e meu pai disse assim para mim: “Eu conheci o Carlos Drummond de Andrade no Rio”. Então eu falei: “Você conheceu o Drummond?”. Para mim o meu pai não tinha nada a ver com o Drummond. O Drummond era o Drummond e meu pai era o meu pai. E ele falou: “Eu conheci o Drummond no Ministério da Educação e Cultura porque, quando eu ia fazer a legalização do diploma, ele foi uma pessoa que me ajudou muito a fazer porque ele era um funcionário público do Ministério da Educação e Cultura”. Então foi muito interessante porque aí meu pai foi buscar uma carta do Drummond que falava: “Caro Clóvis...”. E falava das coisas do meu pai, do que ele tinha que fazer burocraticamente e assinada “Carlos Drummond de Andrade”. Eu tive uma emoção assim de saber que meu pai tivesse conhecido o Drummond, que era mineiro, que tinha uma coisa também brasileira e que provavelmente eles se davam muito bem. De uma certa maneira, quando você me pergunta se eu era estimulada, era assim, sabe, o estímulo era esse. Era valorizado,



não que eles fossem leitores, não. Mas havia uma valorização. Havia o Monteiro Lobato na minha casa. Eu me lembro de quando o meu pai comprou a *Coleção Jackson* que tinha todos os clássicos, eu tenho até hoje, porque são lembranças dele providenciando muito que os filhos estudassem. Havia esse valor e todos nós estudamos mesmo. Minha irmã é socióloga, fez Ciências Sociais na USP; meu irmão é médico, é psicanalista também. Então tinha muito esse valor do estudo, de se formar, de fazer faculdade. Já é uma origem que vem do Mato Grosso, do sertão e que tinha esse valor.

É muito interessante, porque às vezes a gente voltava para Maracaju para visitar as fazendas dos meus tios, passava as férias lá e eu me lembro bem de uma tia minha que, inclusive, fumava cachimbo e ficava conversando comigo. Eles falam muito, conversam, contam muitas histórias e ela dizia assim: “Nós nunca fizemos igreja aqui na praça, nunca nós quisemos” – tinha uma praça, mas não tinha uma igreja, a igreja ficava em outro lugar – “porque se tivesse que ter alguma coisa na praça, nós achávamos que tinha que ter uma biblioteca”. Eu achei muito interessante ela dizer isso, uma mulher do sertão achar que o que era bom para a cidade era uma biblioteca e não uma igreja. Eu acho que eu tenho alguma coisa disso. Eu sou muito laica e acredito mais realmente nas leituras do que nas religiões como uma possibilidade de desenvolvimento das pessoas.

DP: Sônia, uma coisa que me chama a atenção, e aí já tem a ver com a Biblioteca, é que todos os nossos entrevistados se referem a ela como um espaço muito democrático onde, na verdade, convergiam pessoas de diferentes formações, de diferentes grupos étnicos, de diferentes classes sociais, e eu gostaria que você falasse um pouquinho disso, de como a Biblioteca possibilitou relações horizontais, porque é difícil hoje a gente encontrar espaços que agreguem todas essas diferenças.

SA: Muito bem pego isso que você está falando porque uma coisa que era muito linda na Biblioteca – e que hoje, avaliando, eu vejo a importância disso como espaço democrático – é que nós convivíamos lá com diferentes classes sociais. O Bento Prado vem da família Prado, uma família quatrocentona de São Paulo; tinha eu que



vinha do sertão; tinha pessoas que eram judeus que vinham do Bom Retiro, tinha as pessoas do Brás que vinham e tinha muita classe média já, mas, principalmente, tinha pessoas muito pobres que iam lá para ler. E era um lugar que era meio, vamos dizer, quase um abrigo, que abrigava todas as pessoas. E as pessoas conversavam umas com as outras e ninguém colocava quem tinha ou não tinha dinheiro. Havia a coisa de quem lia. Havia uma disputa de quem lia, de quem lia mais, de quem estudava mais, quem sabia mais - estudava no sentido das leituras, das ideias, dos debates políticos e filosóficos. Era nesse sentido, não era muito assim de quem era o primeiro da classe, isso havia até um certo desprezo. Não era a coisa do “caxias”, era a coisa da leitura mesmo.

Nessa época também, eu tinha uns 17 anos por aí, entre 16 e 17 anos, eu lia muito e tinha amigos que eram os Abramos. Eu tinha uma amiga, Alcione Abramo, eu me lembro muito dela no curso colegial. Eu gostava tanto de ler e o pai dela, o Athos Abramo, era um crítico de teatro. E eu conversava muito com o pai dela e eu falei para ele que eu queria trabalhar num jornal. Ele trabalhava num jornal que se chamava *O Tempo*, depois terminou esse jornal, e ele me arrumou um emprego de repórter n’*O Tempo*. E era realmente muito bom porque aí eu pude fazer mais contatos ainda. Então eu fazia contatos com Sérgio Milliet, Guilherme de Almeida – que ainda era vivo – com a Ligia Fagundes Telles, através de entrevistas. Porque o Sacchetta, que era o secretário geral d’*O Tempo*, ele ficou meio encantado assim comigo, porque eu era muito jovem e naquela redação só de homens, de homens mais velhos, inclusive, e eu acho que ele achou uma gracinha aquela pessoa gostar tanto de ler e querer ser jornalista. Então eu me lembro que ele perguntou assim para mim: “Mas o que você quer escrever no jornal? O que você quer fazer no jornal?”. E eu era tão ingênua e nem tinha ideia do que era um jornal, eu falei: “Eu quero escrever como o Rubem Braga” – porque eu adorava o Rubem Braga. E ele me disse: “O Rubem Braga é um cronista, você vai começar como repórter, uma reportagem geral”. Mas reportagem geral era uma reportagem dura e então ele meio que me mimava, ele meio que me cuidava, porque ele era bem mais velho. Acho que ele me cuidava como se fosse uma filha e ele falava para os jornalistas: “Essa menina aqui é alfabetizada, não é como vocês, ignorantes”. Era um esquema que ele tinha de falar deste jeito com as pessoas: “Seus ignorantes, analfabetos, ela é



uma menina alfabetizada!”. Ele me mandava fazer, na verdade, entrevistas com pessoas muito boas. Então eu ia fazer matérias ótimas, falar com Ligia Fagundes Telles, Guilherme de Almeida e tal. Ele inventava algumas matérias para mim que, na verdade, não era reportagem geral. Ou então eu ia ver a entrega de prêmios do Saci, do Estado de São Paulo. Eu ficava fazendo um trabalho muito bom – bom no sentido muito próprio para o que eu gostava de fazer. E eu aprendi a escrever muito com ele, ele me ensinou muito jornalismo.

DP: Isso foi antes de você ingressar na Filosofia?

SA: Antes da Filosofia, eu estava no colegial. Infelizmente, dois anos depois, *O Tempo* foi fechado – “*O Tempo* fechou!”. Eles não tinham dinheiro, era um jornal que tinha dificuldades econômicas muito grandes. Então eu passei... São as coincidências da vida, como as coisas vão se passando – é claro que você precisa ter um *feeling* para as coincidências. Então, nessa época, como eu tinha feito uma entrevista com o Rossini Camargo Guarnieri - era o poeta, não o músico - na Secretaria de Educação e Cultura, e eu, conversando com ele, ele falou: “Poxa, vou te arrumar um emprego na Prefeitura, na Secretaria de Educação e Cultura”, porque eu precisava trabalhar. Eu estudava e precisava trabalhar: classe média. Então ele me arrumou um emprego na Secretaria de Educação e Cultura. Aí eu já estava fazendo vestibular e entrei na Filosofia. E como na Filosofia tinha muita psicologia – porque no tempo em que eu entrei na Filosofia ainda não tinha psicologia lá – dentro da Filosofia você estudava psicologia, estética, lógica, história da filosofia, tinha muita psicologia. Então eu fui para o setor de psicologia.

E a gente atendia, estudava os testes e atendia crianças de parque de diversão. Aí começou meu interesse pela psicologia, pela psicanálise, porque tinha a biblioteca, sabe, tinha relações. Aí eu peguei um livro... Porque eu ficava lá atendendo aquelas crianças e falava: “Tudo bem, elas são problemáticas, mas o que se faz depois de ver o problema? Qual é o trabalho que você pode fazer com essas crianças?”. Eu ficava pensando. Aí um dia eu peguei um livro da Melanie Klein, *Psicanálise da Criança*. E comecei a ler o livro. Essas coisas minhas são sempre muito imediatas. Eu reconheço... Essa eu acho que é a história de ter sorte na vida é



você reconhecer imediatamente que ali tem alguma coisa importante para você. Então, imediatamente, eu reconheci que aquela mulher estava respondendo a perguntas que eu estava fazendo sobre aquelas crianças. Havia ali um trabalho pesado, ela não entrava de leve na vida das crianças, na mente das crianças. Não é a toa que ela fez muito sucesso em Londres, porque os ingleses adoram pensar nas crianças não como inocentes, mas como diabos mesmos, como demônios. E ela tem uma coisa demoníaca na psicanálise dela. E eu comecei a ler e comecei a me interessar, comecei a pensar em me tornar analista. Daí eu comecei a me interessar pelo Freud e eu ainda estava na Filosofia. Eu trabalhava no setor de Psicologia e estava na Filosofia pensando no Freud, e daí fui fazer a pós-graduação em Psicologia e, coincidentemente... Minha vida tem coincidências muito felizes, porque, coincidentemente, os professores da USP que davam aula na pós e que só davam psicanálise eram todos os fundadores da Sociedade de Psicanálise. Eu tive professores como a Virgínia Bicudo, a Lígia Amaral, Durval Marcondes, Judith Andreucci, todos esses professores que davam aula eram os fundadores da Sociedade. E, saindo da pós, eu dei aula dois anos na Filosofia; mas, imediatamente, eu quis ser psicanalista mesmo e fui trabalhar com a higiene mental, ter consultório e já entrei na Sociedade de Psicanálise, onde eu estou até hoje, faço parte. Então são interessantes essas ligações que vão se fazendo, quando você reconhece qual é a sua estrada, qual é o percurso que você tem que fazer. Isso é aquilo que eu chamo de sorte. É você reconhecer onde você tem que estar, como você vai se apropriando de si mesmo, criando a sua identidade, a pessoa que você é, a sua vocação.

DP: Sônia, a Faculdade de Filosofia teve o mesmo peso que essa experiência toda que antecede a faculdade, que foram esses anos na Biblioteca, essas trocas... Você conseguiu manter essa mesma qualidade em termos de troca, de debates, de produção intelectual constante?

SA: A Filosofia é um lugar de debate. A Maria Antonia era um lugar de debate, o *lobby* da Maria Antonia era onde a gente conversava o tempo todo. Os professores eram extremamente abertos, o Cruz Costa, o Lívio, o Gianotti eram todos os meus



professores. Era um lugar de debate, era um lugar de ideias, de muita discussão. E você falou do Paul Singer, que eu conheci. Ele estudava na Economia, que ficava na Rua Dr. Vila Nova, e a Filosofia ficava aqui. Então tinha o pátio da Filosofia e tinha o Grêmio, onde a gente se encontrava. Havia muitos debates e o Paul Singer também foi uma pessoa muito importante na minha vida, porque eu conversava muito com ele. Inclusive, a primeira mulher dele foi minha colega no curso colegial do Roosevelt, depois eles se separaram, pouco tempo depois, mas eu fiquei muito amiga do Paul Singer. Na época que o Paul Singer estava fazendo Economia, ele já tinha saído do Dror³, o Gabriel também, porque exatamente a ideia que eles tinham é que a questão judaica não se resolvia apenas com a fundação do Estado de Israel e com o sionismo. A questão judaica era uma questão maior, mais ampla e que, na verdade, os judeus eram frequentemente identificados com o comércio, dado a história dos judeus, que, desde a Idade Média, desde sempre, não podiam ocupar postos públicos, não podiam às vezes até frequentar uma universidade e eles foram aliados para o comércio. Então o comércio ficou como se fosse uma coisa judaica, as finanças também, mas que, na verdade, era uma situação histórica que precisava ser revertida. Então havia muitas discussões sobre o Dror. Meus amigos todos eram do Dror, desde 1949, quando eu ainda estava no ginásio, eu fazia o Oswaldo Cruz, os meus amigos todos eram do Dror. E Israel foi fundado nessa época, então havia muitas discussões. Então quando eu conheci o Paul Singer, o Gabriel, eram pessoas que já estavam saindo do Dror, porque eles já pensavam que a questão judaica era maior que só o sionismo, que era mais universal.

Então havia muitas discussões, o tempo todo havia essa qualidade de discussões na Filosofia. E era muito interessante porque, por exemplo, quando eu fiz uma monografia sobre o Hegel, no segundo ano da Filosofia, eu estava ao mesmo tempo lendo muito a Simone de Beauvoir. Tinha um livro lindo dela chamado *Todos os Homens são Mortais*, em que tanto ela como o Sartre, *As Palavras*, e todos aqueles livros que a gente lia, *Os Mandarins*, todos esses livros do pós-guerra deles, tudo aquilo era a leitura da gente. Então quando eu fui fazer o Hegel, eu praticamente, de alguma maneira, aquelas leituras me serviam para eu entender o Hegel, para entender a filosofia. Então tudo era muito ligado uma coisa com a outra.

³ Movimento Juvenil Judaico Sionista Socialista Kibutziano Chalutziano



Eu acho que essa coisa de você ler muito amplia mesmo as suas possibilidades de pensamento, de escrever, de tudo. Então havia essa qualidade muito grande na própria Filosofia. Por exemplo, quando eu estudei Aristóteles no primeiro ano, era uma coisa linda para mim. Eu vivia com o Aristóteles, eu conversava com o Aristóteles, eu adorava o Aristóteles e para mim o Aristóteles não tinha nada a ver com o São Tomás de Aquino. Era de uma força o Aristóteles, de uma pujança, de um movimento do pensamento que não tinha nada a ver com a igreja católica, com aquela coisa mais departamentada. E o meu professor de História da Filosofia era protestante, então ele tinha alguma coisa de protesto em relação à igreja. Ele era muito livre no exame dos textos que a gente lia. Porque o protestante tem isso, a coisa da consciência diante do mundo, diante de Deus, e é você que precisa encontrar as tuas respostas e ou as tuas perguntas diante do universo. E ele tinha muito isso. Por sua vez, o Cruz Costa era um professor muito ligado ao Oswald de Andrade, então ele era meio anarquista, ele era maravilhoso. O jeito que ele dava aula era uma forma muito boa. Eu acho que a Maria Antonia, a Universidade São Paulo, teve uma importância assim fundante na minha vida.

(interrupção da gravação)

SA: (...) Era Oliveira Silvestre. Uns dizem que eram mouros, outros dizem que eram judeus. Como os mouros e os judeus se davam muito bem na Península Ibérica – não havia briga nenhuma nessa época, era a idade do ouro na Península Ibérica – então eu suponho que eu poderia ser uma “moura-judia”. Podia haver uma descendência, porque Azambuja, inclusive, é uma cidade perto de Lisboa, que era uma aldeia perto de Lisboa de onde vêm os Azambujas.

DP: Até pensei que fosse indígena, é tão bonito o nome.

SA: Azambuja não é indígena, é portuguesa, da Península Ibérica mesmo. Meu pai dizia que era de descendência moura e eram uns mouros meio arretados, não eram bonzinhos, não.



Mas eu sempre tive uma aproximação muito grande com os judeus. Aliás, o Ferrari, que foi o meu segundo analista, quando chegou no Brasil, ele disse para mim que quem mais o ajudou foram os judeus e não foram tanto os italianos – porque, como ele era anarquista, inclusive ele lutou na Guerra Civil Espanhola, foi *partizan*, foi contra o Franco, o Mussolini. Ele, quando chegou no Brasil, segundo ele, os italianos com quem ele teve contato aqui eram muito fascistas, muitos deles. Então quem mais o acolheu, que deu uma acolhida maior, foram os judeus.

O Ferrari parece que ele salvou, inclusive, muitos judeus e ele até tem o nome em Israel naquele museu que existe dos amigos dos judeus. Eu acho que há uma ligação muito grande minha com os judeus e pode ser por isso que você tenha imaginado que eu podia ser judia, porque eu acho que de certa maneira minha alma é meio judia, porque eu acho que os judeus são muito cosmopolitas e eu tenho uma coisa assim cosmopolita, eu não aguento coisa muito fechada, não me dou bem. Então eu sempre tive muitos amigos e andava com os judeus que eram meus grandes amigos de escola, de faculdade.

DP: Sônia, formação religiosa você não teve por parte dos seus pais?

SA: Não. Nós não tínhamos formação religiosa nenhuma. Meu pai dizia que ele era livre-pensador, ainda havia essa história do livre-pensador e eu não tive nenhuma formação religiosa.

DP: E você teve mais permissividade para fazer essas trocas...

SA: É, permissão, para fazer. Não havia nenhuma restrição a com quem eu estava, quem era a minha turma. É claro que havia toda uma coisa de que eles sabiam que meus amigos gostavam de concerto, gostavam de ler e eu também, então havia uma coisa muito saudável nisso tudo, fazia parte da cultura da minha casa. Mas a cultura da minha casa não passava pela religião. Eu me lembro uma vez de uma professora do grupo escolar ter dito assim: “Olha, você precisa ser estudiosa porque se não você vai para o inferno”, uma bobagem qualquer; e eu falei para meu pai e ele falou:



“Isso não existe, é bobagem. Você precisa ser estudiosa porque eu quero que você seja estudiosa, eu quero ter uma filha estudiosa”. Havia um valor nisso.

DP: Foi uma formação bem autônoma para aquela geração, uma pessoa com a origem dele, vinda do sertão onde as referências religiosas são...

SA: Mas eu tenho a impressão de que o fato dele ter vindo do sertão e já querer não ser o fazendeiro, eu acho que, de alguma maneira, ele já fez a ruptura lá, a ruptura já estava feita. Só que tem uma questão interessante com a geração do meu pai, com ele – da minha mãe, nem tanto – que ele, na verdade, nunca se aculturou inteiramente em São Paulo. Ele sempre achou que São Paulo era uma cidade difícil, que havia muitas pessoas sofrendo muito. Ele nunca se aculturou, ele voltava muito para lá, para passar férias. A minha mãe se acultutou imediatamente, porque a família dela era de São Paulo e tinha ido para lá e depois voltado, aquela coisa dos bandeirantes. Então ela já valorizava São Paulo. Ela falou para mim uma vez: “Quando eu atravessasse o Rio Paraná” – porque a gente atravessava o Rio Paraná vindo de trem para cá e eu vim com ela – e ela falou: “Quando eu atravessasse o Rio Paraná, foi a felicidade, ir para São Paulo!”. Eu vim com ela. Meu pai já estava aqui com meu irmão e minha irmã veio um pouco depois. Eu tenho a impressão de que a ruptura já estava feita, de alguma maneira. Então, ao mesmo tempo, era uma ruptura, como eu te falei, que ele nunca se aculturou bem. Eu me aculturei inteiramente. Mas o sertão é uma utopia, o sertão é o Guimarães Rosa, o sertão a gente traz com a gente. Isso não quer dizer que você não pode se tornar cosmopolita, mesmo trazendo o sertão. É diferente do interior, eu não sei se você entende. Tem uma coisa provinciana às vezes que pode ocorrer, mas não havia isso na minha casa, essa coisa provinciana não havia. Eu acho que o povo de lá estava aberto para o mundo mesmo.

DP: Agora eu vou dar um pulo. Quando você identifica a ruptura dessa relação tão generosa com a cidade que você identifica com o recrudescimento do regime militar que começava a endurecer cada vez mais, esse seu grupo teve uma militância grande, eu queria que você falasse um pouquinho sobre esses anos, esses anos de



dispersão, anos movidos, creio eu, pelo medo, a melancolia, a apreensão. Queria que você desse um panorama desses anos posteriores a essa época de pujança, de troca.

SA: Sim, realmente, uma época muito vigorosa. Eu acho que foi muito triste. Eu perdi amigos, pessoas que morreram, que eu nunca mais vi. Muitos fugiram, muitos puderam fugir, foram para a Europa, para o Chile. Tanto é que quando houve o golpe no Chile, eu estava em análise, eu fiquei muito mal, eu chorei. Eu estava em análise didática, eu já estava em análise de formação, e eu estava com o Ferrari, então ele disse assim para mim: “Mas por que a senhora está chorando tanto pelo que está acontecendo no Chile?”. Eu falei: “Não, está acontecendo comigo, está acontecendo com meus amigos, está acontecendo com todos nós, com a América Latina. Não tem mais lugar para fugir, não tem mais lugar para ir”. E eu percebi que ele ficou quieto – ele era analista bem ortodoxo, mas nesse momento ele ficou quieto – e eu percebi que ele ficou muito emocionado. Eu me lembro disso, foi exatamente quando eu soube que ele lutou na Guerra Civil Espanhola, porque aí eu disse assim: “Eu nunca estive na Guerra Civil Espanhola e me emociono com a Guerra Civil Espanhola”. E ele disse assim: “Eu estive na Guerra Civil Espanhola”. Então foi uma coisa de muita aproximação entre nós dois naquele momento, porque a gente pôde falar que uma coisa pode estar muito longe de você e, na verdade, ser extremamente significativa para você. Então, apesar de eu estar tão longe do Chile, na verdade, eu estava naquela situação horrível, porque eu já tinha vivido aqui o Ato Institucional número cinco, que foi um horror aquilo. Depois a queima da USP, uma coisa desoladora mesmo, uma coisa muito triste. E daí todo mundo se recolheu muito, foi cuidar um pouco da sua família, das suas coisas. Acho que é realmente aquilo que o Bergman fala do ovo da serpente. É aí que gera a serpente, onde mora a serpente; é nesse isolamento em que você vê os amigos desaparecendo e daí você começa a criar os seus filhos – eu criava as minhas filhas sempre com muito cuidado, com medo.

Eu me lembro que na época que o Herzog morreu, eu saí do consultório – eu tinha consultório ali na Antônio Carlos e morava aqui na Sabará – e eu queria ir à igreja onde estava havendo a missa dele e estava tudo tomado e os soldados nas



ruas, eles desviavam você de todo jeito e não tinha como chegar. Era uma repressão mesmo, para valer. E muitas vezes a gente ia, no começo, nas passeatas, nos lugares – ia com o meu marido, inclusive, o Júlio. A gente ia aos lugares, mas daqui a pouco estava a cavalaria atrás da gente correndo, e você tinha filhos...

Eu me lembro da minha filhinha menor – o pai de uma amiguinha dela da escola foi preso e ela me perguntou: “Mãe, por que o Paulo foi preso?”. Era o Paulo Bastos, que era arquiteto. O que eu podia responder para uma criança de quatro anos? E eu falei assim: “Ele foi preso porque ele era contra o governo”. E ela falou para mim assim: “Mas por que ele contou que era contra o governo? Era só não contar!”. Então, havia alguma coisa que entrava na tua casa, porque os teus amigos iam presos e você, às vezes, tinha que ajudar amigos a fugir, os que estavam mais envolvidos e tudo. E houve assim um acovardamento, você vai se acovardando, você vai se diminuindo. E eu acho que a Instituição de Psicanálise – que nessa hora eu entro, nesse momento, em 1970, e estou até hoje lá – houve um momento em que você percebia também aquilo de “aqui não se fala de política”. Eu me lembro que foi uma das primeiras falas que um professor meu teve quando eu entrei na Sociedade e nós íamos começar a ter o Freud. Ninguém estava pensando em política, nós estávamos pensando no seminário do Freud, todo mundo estudando. E a primeira coisa que ele disse foi: “Eu gostaria de dizer para vocês que aqui ninguém fala em política” - quer dizer, era um alerta.

DP: Quem era?

SA: Era um professor, o Galvão, um professor meu, que no fim... Conforme os cursos foram sendo desenvolvidos – teve um colega nosso que era psiquiatra do exército, mas eu acho que ele não fazia parte dessa coisa militar, ele era psiquiatra mesmo e foi fazer a Sociedade de Psicanálise – teve um colega nosso que estava levando um caso muito difícil de um paciente dele que tinha sido torturado nos órgãos de repressão. Então esse mesmo professor que falou “aqui não se fala em política”, uns dois anos depois perguntou para o nosso colega, o Guerra: “O que o senhor acha dessa situação desse paciente? Como que o senhor se sente sabendo que o exército brasileiro está fazendo isso?”. Ele disse: “Muito mal”. Ele suava, ele



se sentiu mesmo muito mal de estar naquela situação. E quando houve a morte do Herzog, que foi também aquela comoção, ele também ficou muito mal, porque todo mundo só falava nisso, nos seminários. Havia medo. Medo muito grande mesmo.

Há pouco tempo eu estava vendo aquele filme espanhol lindíssimo, que era uma menina que tem uma relação imaginária com um ente, ela tem uma relação muito forte com as histórias infantis, *Labirinto do Fauno*, e eu fiquei pensando que o que nós vivíamos era isso, uma coisa de medo. Então aquela menina ia para o imaginário, para as histórias infantis. E nós para onde íamos? Eu, às vezes, penso que eu fiquei muito ligada na psicanálise nesse momento. Eu ficava lendo Freud, ficava lendo as coisas, ficava com os meus pacientes, mas acontece que a cultura entra dentro dos consultórios, ela não fica fora.

Então, por exemplo, eu tinha um paciente, um menino, e ele um dia estava me contando que o pai dele era um financiador dos órgãos de repressão, dos órgãos de tortura, e que participava daquelas sessões. O menino estava muito mal e ele, ao mesmo tempo, tinha toda uma violência muito grande. Ele estava muito mal e ele era muito interessante, muito cheio de ideias e tudo, mas ele estava muito mal, porque tinha aquilo dentro dele, ele sabia daquela situação familiar. Então são coisas que entram dentro do seu consultório, não entram só os que são torturados, entram os torturadores também, os filhos dos torturadores, tudo. Isso é inevitável, a ditadura estava aqui e perpassava a Sociedade de Psicanálise também.

DP: E você, pelo visto, sempre fez este trabalho de estabelecer essa ponte estreita entre o social e a clínica?

SA: Sempre, porque a clínica não está numa torre de marfim, o cliente já vem com a cultura, a cultura perpassa a clínica. Então não é uma coisa que separa, a clínica está implicada na cultura. Não é que você para e vai pensar na cultura. Por exemplo, se você pega um livro importantíssimo do Freud como *Totem e Tabu*, você percebe que quando ele fala do complexo de Édipo, o Édipo já se cria no momento em que há o assassinato do pai, na horda primitiva. E, diante do assassinato do pai, é que nasce a civilização, nasce a cultura e nasce a vida mental, então, a mente já nasce com a cultura. Não existe a mente sem a cultura, porque ela é produto da cultura.



Ela é engendrada na cultura. Você não nasce e fica isolado: você é o produto da cultura na qual você nasceu. A mãe é um porta-voz da cultura, como ela cuida da criança, ela já cuida como porta-voz da cultura, como que ela interpreta as necessidades da criança, criando desejos, ela já é uma intérprete da cultura, já é um porta-voz da cultura. Então, não há como não falar da cultura, a cultura somos nós, a mente é criada no mesmo momento em que é criada a civilização, a civilização no sentido das relações sociais.

DP: Mas houve uma militância por parte de um grupo, que acredito que seja o seu grupo na Sociedade de Psicanálise, justamente para trazer de novo, para reconciliar, eu queria que você falasse um pouquinho desse movimento.

SA: Essa militância - eu sou uma militante - essa militância tem muito a ver com Freud, porque uma coisa que houve muito é quando se foi muito para a clínica era uma coisa, como eu te disse, estava tão preta a situação lá fora, que todo mundo ficava um pouco na clínica trabalhando, tentando trabalhar com a clínica de uma forma, vamos dizer, focada naquele indivíduo.

Se você pegar um livro da Melaine Klein, muito interessante esse livro que se chama *Relato de um Caso Clínico*, um trabalho que ela faz com um garoto judeu, refugiado de guerra e que está numa província da Inglaterra porque teve que fugir de Londres, porque Londres está sendo bombardeada. E ela também está refugiada nessa província e tem um consultório ali na província e atende aquele menino judeu. É muito interessante esse livro dela porque você percebe que ela tenta focar a interioridade desse menino, onde está cheio de bombardeios, de tanques de guerra, navios, cidades que são bombardeadas, os nazistas e tudo mais. E ela procura ver isso no cenário na vida interior dele. Então ela leva muito para o lado edípico da relação dele com os pais e do quanto ele sente que estavam bombardeando os pais com a sua rivalidade, com o seu ciúme. É muito interessante, porque ela era judia, fazia parte do esforço de guerra e, ao mesmo tempo, como analista, ela tentando focar a vida interior do menino sem se referir à guerra, sem se referir àquilo que ela própria estava passando.

Eu acho que havia alguma coisa em nós nesse sentido, porque a gente trabalhava clinicamente tentando não trazer as questões, mas as questões vinham.



E como levar essas questões para uma cena de interioridade? Como no caso desse menino que eu te contei, meu cliente – que o pai era um financiador da tortura, fazia parte dos órgãos de repressão como um homem de dinheiro – como que ficava isso para esse menino? E dentro dele o medo que ele ficava da repressão e como ele temia que aquilo que estava sendo reprimido voltasse, a volta do reprimido, então ele era um menino muito medroso, muito apavorado. Sabe, se caía um lápis ele se assustava. Depois ele foi fazendo uma relação muito boa comigo. Eu tinha um consultório que dava fundo para uma Sinagoga, e uma vez ele chegou, olhou os fundos do meu consultório e disse: “O que é aquilo?”. E falei assim: “É uma Sinagoga”. Então ele disse: “E o que é uma sinagoga?”. Eu disse: “É a igreja dos judeus”. Ele olhou para mim e disse: “E você é judeu?”. Eu disse: “O que você acha?”. Ele disse: “Eu acho que você é cigana, judeu, corintiana”. Quer dizer, ele queria dizer que eu era da pá virada, que devia ter alguma coisa muito livre em mim e foi mais ou menos isso o que nós trabalhamos. E ele ficou muito unido a mim, tanto é que depois, mais tarde, quando ele já era moço, tinha feito faculdade e precisou de umas ajudas, ele voltou a conversar comigo. Então, é uma coisa muito interessante esse trabalho, como você vai pegando nas filigranas. Não é que você vai fazer militância com o seu paciente, mas existe isso, a forma de interpretar, o jeito que você interpreta de alguma maneira amplia no seu paciente um universo, que ele estava precisando que ampliasse, porque eu acho que ele não estava mais aguentando esse pai violento que ele tinha.

DP: Sônia, e a revista, vocês criam mais ou menos nessa época, em 1976, é isso?

SA: Eu entro na Sociedade em 1970. Daí, quando eu estou terminando, em 1976, eu sou convidada para fazer parte da fundação dessa revista, sou convidada pelo meu irmão, inclusive, que é o Deodato, que é a pessoa que estava querendo fazer essa revista. Então foi uma turma boa: o Deodato, eu, a Mirna, o Tenório, o Paulo Duarte, tinha o Chain, que era mais velho que nós, então a gente funda essa *Revista Ide*. E a ideia da *Ide* era tanto o *id* como instância psíquica, que traz o novo e que ao mesmo tempo traz o originário, como ao mesmo tempo é *ide*, *vá*, porque a gente tinha mesmo a ideia de ir para a cultura, ter uma interface com a cultura e um



diálogo, porque havia pouco diálogo entre nós. Todo aquele diálogo que havia na Maria Antonia, que havia na Biblioteca, na Sociedade havia pouco. Eram só os casos clínicos, os estudos, isso era muito legal, eram muito bem dados os cursos, a gente estudava, mas havia um certo fechamento. Eu acho quase que é inevitável que houvesse.

Nessa época eu me lembro de ter lido uma revista que se chamava *Questionamos*, que vinha do Uruguai. No Uruguai era terrível. Quando houve a ditadura no Uruguai, a repressão foi terrível. Então muitos analistas de lá fizeram essa revista *Questionamos*. Tinha um artigo muito lindo que eu lembro que li na época: não é que o Uruguai só estava em luto pela democracia, eles estavam em luto, o analista estava em luto. Então como é que você trabalha com seu paciente com um luto que ele está vivendo e você também está vivendo? Ele não está sozinho nesse luto, é o luto do seu país, é o luto da cidade, é o luto de tudo o que você está perdendo com a ditadura. Então havia um luto muito grande e, ao mesmo tempo, um medo muito grande.

DP: E quando você pessoalmente começou a sentir uma espécie de renascimento de possibilidades, de trocas?

SA: Eu acho que a minha própria análise era um lugar de muita liberdade com o meu próprio analista. Eu tinha muita confiança nele. Apesar dele procurar ficar muito restrito, ele de repente falava umas coisas como essa: “Eu lutei na Guerra Civil Espanhola”, que dizer, ele podia entender o que eu estava falando, ele era um homem muito livre. Mas tudo se passava muito intimamente, não havia muitos debates, não. Não havia. Depois, com a *Ide*, com as novas gerações que vieram, a coisa começou a se abrir, houve realmente um resgate. Hoje eu acho que a Sociedade de Psicanálise é um pólo da cultura importante em São Paulo. Eu acho que, com as reuniões que se fazem, são convocadas, para a comunidade e para a cultura, a Sociedade está fazendo o seu papel de ser um polo de difusão cultural e de abertura para a cultura, ela dá o seu recado. E não há mais essa situação de medo. Se bem que há pessoas que acham que talvez nós estejamos exagerando muito, que se perde muito, às vezes, nas conversa mais clínicas, mais da própria



psicanálise, como eles consideram nessa abertura, porque é uma energia que a Sociedade tem mesmo e oferece para a comunidade. Mas eu acho muito louvável, eu acho que esse caminho é muito interessante, essa abertura.

DP: Vendo sua trajetória como analista, tem várias questões que estão presentes no seu espectro de discussões: a questão da formação do analista, a questão da ética, a criança, o adolescente. Esse seu percurso foi se fazendo de que forma?

SA: É uma coisa interessante, porque você é o que é. De alguma maneira você vai ocupando espaços, não porque você quer ocupar espaços, mas você já cria espaços onde você vai ser o que você é. Eu tenho muito forte essa ligação com a formação de novos analistas, de dar aulas, de dar seminários, de dar essa abertura do que é a psicanálise. Isso teve muito a ver com a volta às leituras do Freud. Na Sociedade houve um movimento muito grande de leitura de Freud, que, para mim, foi fundamental, porque antes na psicanálise o Freud era meio fraquinho na Sociedade. Era mais lido no Sedes. O Sedes era melhor na leitura do Freud, era considerado. Então houve uma volta ao Freud porque ele é sempre uma luz, é impressionante. Quando você está meio perdido, vai lá para o Freud. Ele é impressionante, é de uma inspiração enorme para a psicanálise.

E essa coisa de ir para a ética – eu fui diretora do Instituto, professora lá, dentro da comissão de ensino, trabalhei muitos anos com a formação. Nos últimos seis anos eu estou muito na comissão de ética, que é uma comissão eleita e eu estou frequentemente sendo reeleita para essa comissão de ética. E é muito bom porque é um espaço reflexivo que a gente faz, em que você realmente pode entrar em contato, que é quando o analista perde de alguma maneira a função analítica dele. Onde que ele se perde? Onde que a coisa fica difícil para ele? Então é convocada essa pessoa e a gente tem a oportunidade de ver que geralmente os desvios éticos têm a ver com os desvios da função analítica. Então a ética na psicanálise é o seu eixo como analista. Você precisa ser ético, verdadeiro, porque é a busca da verdade do analisando e a da sua própria verdade. Você é o seu instrumento de trabalho. Você pode ter muita leitura, muito estudo, mas você é o seu instrumento de trabalho, você trabalha com a sua mente. Se você não está bem,



you não trabalha bem, you perde a função analítica, you perda a ética da psicanálise. Então, esses estudos sobre ética, que eu tenho feito e tenho compartilhado com colegas meus que estão nessa comissão, têm sido muito interessantes para mim. E já é um lugar mais retirado porque os jovens agora é que estão exatamente tratando muito das questões, por exemplo, da comunidade e cultura; muitos estão na comissão de ensino. É quase que um lugar meio de conselheiro. E a própria *Revista Ide*, que eu trabalhei tantos anos nela, também eu fiquei no lugar de conselheiro, eu estou em um lugar assim que as pessoas às vezes vêm e eu falo assim: “Puxa vida! Eu estou uma verdadeira conselheira dessa revista.”. Porque as pessoas vêm debater às vezes com você: “Vamos fazer tal matéria, vamos pensar em tal tema”. Agora tem o tema do estrangeiro. Eu achei lindo o tema do estrangeiro, porque you tem o estrangeiro dentro de you, um bicho do mato, um sertanejo dentro de you, e a psicanálise é uma estrangeira, you vai trabalhar com a psicanálise, que é também um estrangeiro. Então eu achei muito bom mesmo esse tema que eles vão fazer agora.

DP: Sônia, you tem uma relação, pelos textos e, inclusive, pela própria resenha do Luís Cláudio sobre seu último livro, *Presenças e Ausências*, ele destaca a delicadeza das suas construções teóricas, o humor fino, a liberdade e a multiplicidade de referências para dar conta da sua clínica. Então, é a partir desse percurso que you foi construindo essa sua maneira singular de clinicar?

SA: Totalmente. Através da minha liberdade de procurar os meus referenciais a partir das minhas necessidades clínicas, das minhas demandas. O paciente chega e eu não estou interessada em esquematicamente colocar um esquema para o paciente. Eu estou interessada que ele venha, eu estou interessada em dar uns toques para que ele possa surgir. Porque tem um trabalho técnico do Freud que eu acho muito bonito, ele tem muitos trabalhos técnicos, mas essa analogia que ele faz eu gosto muito: ele diz que o analista é como um escultor, mais do que como um pintor. Porque o pintor põe as coisas na tela, ele põe o que é dele na tela; o escultor vai esculpindo a pedra e deixa a figura sair, ele deixa a pedra se revelar no que ela tem de expressivo. E o Freud acreditava que o analista era mais um escultor do que



um pintor. Ele precisa esculpir para que o paciente saia com o que é dele. Isso é uma liberdade que eu tenho. Eu não tenho nada pré-formado para ninguém.

Chegam ao meu consultório e eu estou trabalhando, eu estou dando toques interpretativos, vamos dizer assim, que a própria pessoa vai surgindo. Mas para que eu possa dar esses toques, para que eu possa ter essa liberdade, eu preciso ter um referencial forte. Quer dizer, eu não sustento essa liberdade levemente. Eu sustento esta liberdade porque eu estudei muito na vida, eu li muito, eu me dediquei muito; então, é quase como se fizesse parte do meu metabolismo. O Freud para mim faz parte do meu sangue. Não é um livro que eu vou lá consultar. Não, ele é eu, ele faz parte de mim como todas essas leituras. Então é natural o que se passa entre eu e... Natural numas, não é natural de natureza, é natural no sentido de não ser artificial. Não é falso, mas ao mesmo tempo é um artifício que eu pude desenvolver, você entende? É sempre um artifício. Você tem um artifício, que são todas essas leituras e você também tem um lugar, que de certa maneira faz parte da ética, e é um lugar um pouco estranho.

A conversa analítica é meio estranha. Ela não é uma conversa que você tem num bar, ou mesmo a conversa como nós estamos aqui. É uma conversa muito livre, mas muito estranha, porque ela se passa num nível que não é um nível denotativo. É um nível conotativo. Você está conversando com alguém, mas você está escutando o que está nas entrelinhas do que ela está falando, o que há de latente. E ali é que você vai responder. De certa maneira, nós conversamos por entre as frestas do muro das palavras. É uma conversa muito peculiar, muito estranha, outra vez entra a questão do estranho.

DP: Sônia, o que é para você um processo de análise bem-sucedido? Eu já li algumas coisas que eu achei belíssimas, que você fala da expansão, da expressividade, então eu gostaria que você falasse de um processo de análise bem sucedido, do que você almeja na sua relação com o seu paciente, a expressão, a expansão, a criatividade, das possibilidades de consciência.

SA: Uma coisa que a gente percebe muito na análise é a mudança de linguagem. Às vezes você pega uma pessoa, uma engenheira, por exemplo – estou pensando



especificamente numa paciente – e você vê que ela tem uma linguagem muito concreta, muito assertiva, muito pobre de fantasias, de movimentos. E, conforme você vai trabalhando, a pessoa vai mudando de linguagem, ela começa a fazer considerações, a ter pensamentos que são oníricos, ela começa a sonhar – aliás, quem não sonha, em geral, são os loucos, somatismos e tal. Então ela começa a sonhar, ela começa a falar de uma forma muito diferente de quando ela chegou. E daí vai se criando toda uma relação com você que às vezes é de amor, às vezes de ódio, às vezes é de competição. Mas é uma relação densa, é aquela parceria que vai se fazendo.

O Fábio Hermann, que era um colega meu, que morreu recentemente, infelizmente, ele era um grande intelectual da psicanálise, ele dizia que a cura é como o queijo curado. Alguma coisa tem o queijo curado que vai se fazendo no próprio queijo. Eu acho que é isso o que acontece na cura. Há alguma coisa que o paciente vai fazendo que é uma elaboração, uma apropriação da vida dele e da mente dele e ele vai se curando e se elaborando e, cada vez mais, ele não vai repetindo atuações que o levam a atuações desastrosas. Cada vez mais ele não repete: ele lembra, ele associa, ele sonha e ele vai se curando porque ele vai lembrando. Eu acho que é isso o que acontece na análise.

DP: Sônia, em toda a sua trajetória, você identifica que tem uma marca geracional nas suas utopias, nos seus valores, na sua maneira de articular com o social? Esse grupo todo que foi formador e que foi tão determinante para as suas escolhas, quando você se encontra hoje com os seus pares, vocês compartilham coisas comuns, questões comuns?

SA: Eu acho que uma pena muito grande é essa morte das utopias. Porque eu acho que as utopias são matérias fundamentais para o nosso espírito, porque a esperança é justamente a esperança do novo, a esperança de que você tenha horizontes cada vez maiores, é a busca. Isso eu acho realmente terrível que possa haver essas coisas muito voltadas para o comércio, para o sucesso, para o dinheiro. Por exemplo, quando eu fui fazer filosofia, se você pensar bem: o que eu ia fazer com filosofia? E todo mundo perguntava: com o que você vai trabalhar? Eu pensava



em dar aula, mas logo que eu comecei veio o golpe militar e acabaram com a matéria de filosofia no colegial. Eu nunca pensei que eu fosse fazer uma carreira, era uma coisa que eu gostava de estudar porque eu teria um ganho. Eu fui fazer o que eu gostava, o que eu tinha curiosidade em fazer e, por acaso, eu ganhei a vida. Eu ganho a vida trabalhando no que eu trabalho, mas não foi a prioridade. Eu acho que tem uma coisa utópica nisso, de valor mesmo, que você deve fazer aquilo que você gosta, acredita, é a sua vocação, que é importante e significativo para a sua vida. Isso é uma coisa que eu sempre fiz e prezo fazer, eu e muitos amigos meus lá da Sociedade que prezam esse tipo de coisa e temos relações bastante fraternas.

Existe na Sociedade, entre nós, uma situação de amizade e que eu acho uma coisa maravilhosa. O Aristóteles, na *Ética*, diz que a amizade é maior que o amor, porque no amor e principalmente na paixão, às vezes, você não consegue considerar o outro, o outro precisa ser uma extensão de você mesma. Já a amizade é aquilo que discrimina e você pode ser você e o outro pode ser o outro e há uma troca. A amizade é uma relação de muita qualidade e isso eu encontrei na Sociedade Psicanalítica. Por exemplo, o Fábio Hermann era um grande amigo meu que, aliás, fez o prefácio do meu livro; o Luis Cláudio, que não é da Sociedade, ele é da PUC⁴, é um outro grande amigo meu; da própria Sociedade tem o Leo, o Márcio, o Menezes, o meu irmão, o Deodato, quer dizer, nós somos... O Tenório e a nova geração que são umas gracinhas, são pessoas maravilhosas. Quando a gente fala em nova geração, porque o futuro não está lá, o futuro está aqui, você está convivendo com o futuro. Isso tudo eu encontro muito na Sociedade. Nesse sentido, é um resgate para mim, é uma situação muito boa. Eu tenho uma vida muito boa, muito animada de ideias, de conversas.

DP: Dá para perceber, lendo alguns dos seus textos, que apesar de você ter tido esse passado pujante e muito fértil em termos de formação, você é bastante sensível às questões do presente. Isso é uma característica pessoal sua ou do grupo?

⁴ Pontifícia Universidade Católica



SA: Eu acho que esse grupo é um grupo que acredita, sim, no presente. Por exemplo, eu tive inúmeras possibilidades de fazer trabalhos... Por exemplo, a Bienal quando foi criada, que de dois em dois anos a gente faz uma série de conferências para fora, ela era um acontecimento de crença, de fé, de ligação com a cultura e com o presente.

Agora houve esse encontro que foi uma jornada na sexta e no sábado que foi muito bom. A turma gostou muito disso e teve, inclusive, a pergunta: qual é a nossa ligação hoje com a cidade? O tema do encontro era justamente esse: nas teias da cidade. Teve uma fala muito interessante do Junqueira que disse que hoje nós temos uma ligação com a cidade que são os motoqueiros. Ele até fez uma analogia que era a dos donos dos carros como sendo os pais que tem o patrimônio e andam nas ruas, e têm os filhos e, do outro lado, os motoqueiros, as hordas dos filhos que andam pela cidade. Então tem um outro olhar, o do motoqueiro, como é que ele está olhando a cidade onde ele está? Aí quando acontece alguma coisa com um deles vem a horda toda para defender. É muito interessante como o analista está atento à cidade, às pessoas. Eu acho que isso é uma coisa presente. Porque essa coisa do motoqueiro é poder pegar o pulso do presente. Não ficar numa coisa que a gente tem para ler, ficar no Walter Benjamin, aquela coisa romântica de uma cidade que não é mais, e se perguntar como se pode ser agora.

DP: Eu estava lendo numa dessas revistas *Ide*, uma entrevista com o Alberto Menguel, que escreveu aquele livro sobre história da literatura e da leitura. E ele falou uma coisa bonita: ele considera a leitura a mais civilizada das paixões - ele é um leitor voraz - e que o livro é um contêiner de memórias e experiências e que o ato de ler pode resgatar a memória e a experiência de dentro daqueles invólucros. Eu gostaria que você falasse um pouco sobre isso, sobre ter sido e continuar sendo uma leitora assídua que se realimenta, se oxigena através da leitura.

SA: Tem um livro muito interessante do Graciliano Ramos que chama *Infância*. Eu gosto muito desse livro e eu gosto muito de uma parte que ele faz uma analogia que eu penso sempre em mim. Ele faz uma analogia entre o avô dele, que fazia cestas, e



ele diz assim: eu tomei isto do meu avô de fazer coisas inúteis. Eu acho isso de uma beleza...

Então, a coisa da leitura para mim é como o brincar das crianças. Se você olhar uma criança brincando, com os olhos de um adulto utilitário, ela está fazendo uma coisa inútil. E, no entanto, a coisa mais séria que existe é o brincar das crianças. Elas estão pensando, elas estão lidando com angústias, elas brincam por brincar, mas elas estão fazendo uma coisa muito séria. A leitura para mim tem uma conotação assim, do brincar - uma coisa extremamente prazerosa e extremamente séria e que pode ser vista como uma coisa inútil. E, na verdade, foi através das leituras que eu me constituí como ser humano, desde as leituras infantis em casa – era minha grande brincadeira – como depois também. E se você vê é uma coisa inútil. No entanto, eu acho, realmente, que é a mais civilizada das atividades. Eu adoro ler.

DP: O que você revisita com regularidade?

SA: Com regularidade, eu revisito muito literatura. Atualmente eu tenho lido muito... Eu vi num livro de um inglês que eu esqueço o nome, que fez aquele livro que se tornou filme, o *Desejo e Reparação*, tem um outro livro dele que se chama *Na Praia*, que é lindo e tem um que se chama *O Jardim de Cimento*, que é na verdade um cemitério. Eu acho impressionante esse inglês. Tem um australiano, que eu conheci em Parati - eu estou esquecendo os nomes - ele estava na Feira de Parati, um australiano que fez aquele *Homem Lento*, é lindíssimo esse livro, ele também escreveu o *Infâmia*.

DP: Ele não é sulafricano?

SA: É, mas ele vive na Austrália. Eu tenho lido muita literatura ultimamente, esses novíssimos. Agora o que eu revisito sempre, que é uma coisa minha, que eu adoro, é o Freud. Eu acho que ele é muito inspirador para mim - eu sou uma freudiana. Eu volto sempre a ler e a estudar, porque muitas vezes eu dou cursos e você precisa preparar as aulas. Eu leio muito sobre psicanálise, leio muito os relatórios dos novos



psicanalistas, que fazem supervisão comigo e depois entram na Sociedade. São essas as leituras que eu faço. E nunca deixo de ver cinema, eu adoro, eu sou uma cinéfila. Eu adoro ir ao cinema, é a história do espaço público, aquela coisa de ir com um povo para o cinema, comprar entrada, sentar, ver o cinema, isso para mim é como sonhar: você não pode viver sem sonhar e ir ao cinema para mim é sonhar.

DP: Sônia, uma última pergunta. Essa nos ajuda a balizar os caminhos que a Biblioteca precisa seguir para reencontrar algum lugar, não é o lugar, mas algum lugar nas tramas da cidade, ocupar, ter uma função social que ela deixou de ter. O que você idealiza para uma instituição como a Biblioteca para ela se reencontrar e formar novos frequentadores?

SA: Eu realmente não saberia dizer, mas eu fico imaginando que uma coisa que leva o povo para a Sociedade de Psicanálise, lá na Cardoso de Mello, longe – quando estava na Rua Sergipe iam também – é a situação de ter conferências. Não é só conferências, são acontecimentos, por exemplo, essa última jornada das tramas da cidade. Então, convida-se pessoas de diferentes segmentos, diferentes formações e tudo para falar. Por exemplo, sobre o erotismo na cidade, foi convidado o Ignácio de Loyola e mais um peruano para falar sobre o erotismo na cidade; convidaram a Regina Meyer para falar sobre a revitalização do centro, que ela está bastante implicada nisso - sempre junto com um analista. Ela falava sobre a revitalização do centro e sobre a cidade de São Paulo e quase dando a história das arquiteturas e o Junqueira falou sobre essa horda dos motoqueiros comparando com as hordas primitivas e dos filhos e dos pais, ou seja, fazendo uma analogia. Eu achei muito interessante o diálogo entre os analistas e uma arquiteta, por exemplo, como a Regina Meyer, que é maravilhosa, muito culta.

Então fazer esse tipo de *approach*, eu acho que é uma coisa que as pessoas vão. Se tem uma coisa assim, elas vão e ficam sabendo da Biblioteca. Como eu disse, na minha época eu ia à Biblioteca, mas tinha lá na Cinemateca o Paulo Emílio que falava, tinha os debatedores, tinha as pessoas que iam. Eu tenho a impressão de que é muito importante que haja pessoas que vão para contribuir, como se fossem jornadas mesmo. E daí o povo vai.



Uma vez eu fui a um espetáculo no Municipal de peças do Beckett; eram várias peças. Se você pensar, o Beckett é um autor muito difícil, mas tinha uma multidão de pessoas que estavam ali para ver o Beckett. As peças eram lindas, inclusive, eram várias peças curtas e situações do absurdo do Beckett. Então, o povo vai. Eu acho que existe essa necessidade. Agora, se você montar a Biblioteca e falar: “a biblioteca está montada” eu acho que aí não vai ninguém. Tem que haver assim um clima de acontecimento, de festa, de pensamento vivo, como se fosse uma praça mesmo, a Ágora dos gregos. E aí ela cumpre essa vocação da Biblioteca que é ser a Paideia, a formação educacional das pessoas, não é? Eu fico pensando como se pode fazer isso, que é uma coisa tão bonita, socialmente.

DP: Eu te agradeço imensamente por você ter aberto sua casa, por você ter pensado conosco esses caminhos, por você ter compartilhado suas experiências. Muito obrigada.

SA: Obrigada a vocês.

